



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

THALYSSON GOMES DA SILVA

**A SINGULARIDADE MÁGICA PRESENTE EM OS CONTOS DE BEEDLE, O
BARDO**

**GUARABIRA/PB
2021**

THALYSSON GOMES DA SILVA

**A SINGULARIDADE MÁGICA PRESENTE EM OS CONTOS DE BEEDLE, O
BARDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Infantil e Juvenil

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA/PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Thalysson Gomes da.
A singularidade mágica presente em Os contos de Beedle,
o Bardo [manuscrito] / Thalysson Gomes da Silva. - 2021.
36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
, Departamento de Letras - CH."

1. Literatura juvenil. 2. Singularidade. 3. Magia. I. Título
21. ed. CDD 028.5

THALYSSON GOMES DA SILVA

**A SINGULARIDADE MÁGICA PRESENTE EM OS CONTOS DE BEEDLE, O
BARDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 18/05/2021.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva

Profª. Drª. Rosângela Neres Araújo da Silva
Orientadora (UEPB)

Clara B. de Almeida Vasconcelos

Profª. Mª. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Examinadora (UEPB)

Danielle dos Santos Mendes Coppi

Profª. Mª. Danielle dos Santos Mendes Coppi
Examinadora (UEPB)

Aos meus familiares e amigos, por todo apoio e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor e meu Deus, criador de tudo, pelo dom da vida e do conhecimento, e pelas infinitas bênçãos que me fortalecem nos momentos de minha vida. Obrigado, Senhor, por sempre permanecer ao meu lado durante a caminhada. GRATIDÃO!

À Maria Santíssima, que por sua intercessão tem iluminado meu caminhar e levado sempre para perto de Seu Filho, Jesus.

Aos meus pais, Ana Lúcia e Ivonaldo, e ao meu irmão, Thiago, pelo apoio e contribuição durante minha formação acadêmica. Em especial, agradeço à minha mãe, mulher especial por demais, que sozinha, enfrentou lutas diárias para nos educar da melhor maneira. Obrigado, minha rainha! A vocês, meu carinho, por toda compreensão e incentivo, de coração, meu muito obrigado!

À minha orientadora, professora Dr^a. Rosângela Neres, pela aceitação do convite para orientação, por ter me apresentado esta temática enriquecedora. Ser humano de luz, singular, quando algo parecia não dar certo, ela apresentava que seria possível. Obrigado, professora, por sua amizade, pelas contribuições, conversas, sobretudo, paciência, durante a construção do trabalho!

À professora M^a. Maria Aparecida, por sua amizade, estando sempre disposta a ajudar, obrigado por sua contribuição, parceria, apoio e incentivo durante minha formação acadêmica.

À professora Dr^a. Iara Martins, ser humano incrível, foi uma honra ter participado de sua monitoria, de Língua Portuguesa I, a fim de poder contribuir com os conhecimentos adquiridos. Estendo os agradecimentos a turma – 2019.2 – que tive a oportunidade de ser monitor.

Aos colegas de turma 2016.1, obrigado pelos conhecimentos e aprendizados compartilhados. As amizades construídas durante a graduação, Cleonice, Roseane, Cristina, Luciano, Ruth, Nathália e tantos outros. Muito obrigado!

Agradeço à Simone Soares e Alíssia Bezerra, pela amizade, ajuda e companheirismo, pelos bons momentos vivenciados, as risadas, as parcerias nos trabalhos, inclusive os estresses. Obrigado!

Aos professores, Karla Valéria, Danielle Mendes, André Luiz, Antônio Flávio, Paulo Ávila, pelas dúvidas solucionadas, pelas partilhas e construção de conhecimento.

Aos colegas, Neto Camilo e Amanda Dias, que permitiram com que eu pudesse contribuir nas aulas das escolas que trabalham, onde pude dar os primeiros passos na licenciatura.

Ao pessoal da “van”, na pessoa de Alberclita e Alisson, que ajudavam com as caronas, nas viagens para universidade, quando ocorria dificuldades no transporte, e aos colegas que também estavam conosco, tornando as viagens alegres e divertidas.

Aos professores da UEPB, do curso de Letras-Português, que partilharam seus conhecimentos durante a graduação e que muito contribuíram nesta caminhada, despertando o carinho e incentivo pela licenciatura. E aos secretários do curso, pelo atendimento, quando foi necessário. Obrigado!

À banca examinadora, as professoras Clara Vasconcelos e Danielle Mendes, por terem aceito o convite e cujas contribuições fortalecerão a pesquisa deste trabalho.

Aos meus nobres amigos, que contribuíram direta e indiretamente para realização deste trabalho e que estão sempre ao meu lado, obrigado pelo incentivo, apoio e amizade.

Não faz bem viver sonhando e se esquecer
de viver, lembre-se...

J.K. Rowling (2015, p. 156)

RESUMO

O presente trabalho objetiva realizar considerações acerca da literatura como amiga formadora diante do cenário social, oferecendo ao leitor o acesso devido para melhor compreensão e interpretação do texto que o mantém contato. Iniciamos pela relação da literatura e sua contribuição na sociedade, logo após, por meio do percurso histórico da literatura infantojuvenil, e suas contribuições para o mundo literário, onde a literatura está ligada com a modalidade de ensino. A obra intitulada, *Os Contos de Beedle, o Bardo*, da autora J.K. Rowling (2017), será o objeto de estudo para o desenvolvimento desta pesquisa, fazendo com que seja apresentada especificamente, as análises consideradas sobre cada conto, relacionado as interfaces literárias para melhor compreendê-los. Sobre a obra, analisamos a importância do singular, presente no mundo da magia, voltado para as relações do mundo Harry Potter, de J.K. Rowling (2015), retirando as aprendizagens que os contos proporcionam para o cotidiano, alvo de estudo para o desenvolvimento do trabalho. Para as interações, temos o apoio de teóricos que ajudam na construção deste trabalho, Candido (2008) com as contribuições da literatura, Cademartori (2006) e Zilberman (2014), nas atribuições da literatura infantojuvenil, Azevedo (1999) apresentando as temáticas da vida adulta, Filho (2011) e Biasioli (2007) nas particularidades de Monteiro Lobato, Lajolo (2008 *apud* Paiva e Oliveira, 2010), expondo a importância da leitura no currículo escolar, o autor como idealizador do infantojuvenil no país, Cosson (2020), Cunha e Penha (2016) e Lajolo (2018) nas feições pedagógicas de leitura, Colomer (2017), justificando as novas concepções de literatura na contemporaneidade, Aragão (1985) ressaltando a significação de conto entre outros.

Palavras-chave: Literatura juvenil. Singularidade. Magia.

ABSTRACT

The present work aims to realize considerations about literature as a formative friend in the social scenario, offering the reader the necessary access for a better understanding and interpretation of the text that keeps him in touch. We start with the relationship between literature and its contribution to society, soon after, through the historical course of children's literature, and your contributions to the literary world, where literature is connect to the modality of teaching. The work entitled, *The Tales of Beedle the Bard*, by JK Rowling (2017), will be the object of study for the development of this research, making it specifically presented the analyzes considered about the tales, related to the literary interfaces for better understand. About the work, we analyze the importance of the singular, existing in the world of magic, focused on the relations of the Harry Potter world, by JK Rowling (2015), removing the learning that the stories provide for the day by day, target of study for the development of work. For interactions, we have the support of theorists who help in the construction of this paper, Candido (2008) with contributions from the literature, Cademartori (2006) and Zilberman (2014), in the attributions of children's and teenager's literature, Azevedo (1999) presenting the themes of adult life, Filho (2011) and Biasioli (2007) in the particularities of Monteiro Lobato, Lajolo (2008 apud Paiva and Oliveira, 2010), exposing the importance of reading in the school curriculum, the author as the idealizer of children and adolescent in the country, Cosson (2020), Cunha and Penha (2016) and Lajolo (2018) in the pedagogical aspects of reading, Colomer (2017), justifying the new conceptions of contemporary literature, Aragão (1985) highlighting the significance of teh tales among others.

Keywords: Youth literature. Singularity. Magic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: UM PERCURSO	12
2.1	Sobre a literatura juvenil	13
2.2	A literatura juvenil no Brasil	15
3	NUANCES DA NARRATIVA JUVENIL	18
4	MAGIA E APRENDIZAGEM EM <i>OS CONTOS DE BEEDLE, O BARDO</i>	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A literatura possibilita abertura para os diversos meios de interpretação e compreensão, com a contribuição do social. Neste trabalho, desejamos destacar a importância da leitura de produções do gênero infantojuvenil, contextualizando-a como um processo de formação para o convívio social, perpassando por caminhos desde sua criação até a contemporaneidade.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos além da introdução, especificamente, são eles: o segundo capítulo, intitulado “A Literatura Infantil e Juvenil: Um percurso”, através dele será apresentado a trajetória da literatura em si, adentrando nas produções infantojuvenil, trazendo em seus tópicos “Sobre a literatura juvenil”, questões apresentadas por Perrault e suas produções, logo em seguida, “A literatura juvenil no Brasil”, a inicialização no nacional contribuída por Monteiro Lobato diante de uma cultura que estava sendo imposta.

Assim, o capítulo apresenta o percurso histórico da literatura infantojuvenil, apresentando as suas devidas contribuições na sociedade da época e os idealizadores deste gênero literário. Fazendo menção também a chegada deste gênero no Brasil, a importância do literário Monteiro Lobato, que registrou suas impressões/marcas nas primeiras produções deste gênero em território nacional. Este texto visa estudar os aspectos da narrativa juvenil e sua importância, a quebra de marcas que antes registrada, agora reformulada.

Logo em seguida, no terceiro capítulo, justificando o “Nuances da Narrativa Juvenil”, será discutido sobre a formação literária do leitor e seu processo evolutivo. Com o passar dos anos, a literatura adere às mudanças conforme a sociedade, possibilitando a ruptura de estereótipos que antes eram impostas. A conquista das mulheres no espaço literário, fazendo dos escritos a voz que deve ser ouvida. Na contemporaneidade, a marca familiar vai saindo totalmente do foco, dando espaço para os sentimentos que se tornam temas para grandes produções, na atribuição de fazer com que o leitor se aproxime com a obra.

No quarto capítulo abrangemos as análises executadas da obra, *Os Contos de Beedle, o Bardo*, de J.K. Rowling (2017), abordado através do título “Magia e Aprendizagem em *Os Contos de Beedle, o Bardo*”. A autora, J.K. Rowling, por sua

vez, apresenta na obra, o estilo para os leitores, o jogo dos elementos escolhidos pelos bruxos, fazendo-se presente na produção.

Utilizando do mundo mágico, a autora traz a reflexão de que todos vivem seu processo. Renomada por apresentar obras consagradas principalmente ao público infantojuvenil, a autora em suas produções, faz conexões com o contexto social, mesmo utilizando dos elementos essenciais que tornam as obras em destaques.

Em síntese, encerramos o trabalho com as considerações finais, que exprime as contribuições, para a construção deste trabalho, explanando a importância da correlação do leitor e autor, facilitando as interações, criando interpretações e suas respectivas ações perante à leitura. Para que ocorra uma aproximação entre autor-leitor, a utilização da fantasia, e inclusive, das metáforas, possibilitam esta interação.

Na metodologia, o trabalho apresenta sua natureza exploratória e comparativa, as análises dos contos se dão pelo itinerário de relações com algumas produções da autora, o universo de Harry Potter, reforçando a ideia de a obra trabalhada ser fruto da criação deste mundo mágico. O objetivo ocorre por meio dos aprendizados que a narrativa produz, utilizando da magia, vê-se a perspectiva trabalhada pelo uso imaginário do leitor. Será abordado de como as personagens tomam seus próprios rumos e recebem as consequências dos caminhos que decidira trilhar.

No complemento do trabalho, tomamos como apoio, teóricos que fomentam esta produção. Para as relações do meio com a literatura, Candido (2008), as definições do infantojuvenil, Cademartori (2006) e Zilberman (2014), trazendo argumentos sobre os temas da vida adulta presente nas obras iniciais, Azevedo (1999). Nas particularidades de Lobato, Filho (2011), ressaltando a preocupação do autor com os problemas sociais, a valorização do nacional com Biasoli (2007). Lajolo (2008 *apud* Paiva e Oliveira, 2010), ressaltando a importância da literatura no cenário escolar.

Vale ressaltar as práticas de leitura abordadas por Cosson (2020), as modalidades pedagógicas trazidas por Cunha e Penha (2016) e Lajolo (2018). Os estudos de Colomer (2017) sobre a nova roupagem das produções literárias, Aragão (1985) do que se trata realmente o que é chamado conto, entre outros teóricos, finalizando com as considerações e análises feitas pela autora J.K. Rowling (2017) na obra que é objeto de estudo deste trabalho com as relações do universo Harry Potter (2015), fruto de sua criação.

2 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: UM PERCURSO

Na literatura, as palavras e o meio social, formam uma junção na qual se tornam instrumentos de estudos na criação dos textos. Por meio das palavras e, especialmente, da oralidade, os autores obtêm o meio de manifestar as ações que são proporcionadas.

Em seu percurso histórico, a literatura transmuta as críticas sociais. No entanto, nos indagamos de como realmente iniciou o que hoje é chamado de literatura. A inicialização, não se sabe ao certo o seu período, Lajolo (2018) defende:

Começando bem antes de Cristo, e para feitos culturais confundindo-se com a origem de tudo, é na Grécia Antiga que se registram as primeiras reflexões mais sistemáticas sobre aquilo que ainda hoje – talvez por inércia, talvez por conveniência ou por comodidade – continuamos a chamar de literatura. (LAJOLO, 2018, p. 80).

Observa-se, a constante presença da sociedade nas produções literárias, muitas vezes, denunciando os graves problemas que são encontrados, interligando em possíveis compassos, caracterizando a devida influência ao leitor. Através disso, o meio também pode introduzir e ter seu efeito alterado na forma da obra, conforme Candido (2008);

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. [...] (CANDIDO, 2008, p. 30).

A utilização do meio possibilita para literatura os conceitos da arte como social, apresentando a modulação do indivíduo e despertando seus reais valores, por meio do contato com a obra. Neste capítulo, aprofundaremos o trajeto da literatura infantojuvenil, trazendo as características das produções e de seus respectivos idealizadores. Abordaremos essa literatura, destinada para variados públicos, mas cujas histórias carregavam consigo um modelo pedagógico para crianças e jovens.

A literatura infantojuvenil é considerada mais “jovem”, comparada a literatura destinada para o público adulto. Antes de seu surgimento, as produções literárias possuíam certo público alvo para que pudessem ter as devidas leituras. Dessa forma,

Teresa Colomer (2017) destaca que o contexto histórico também caminha junto com a literatura, por meio da literatura oral é possível observar temas atuantes mediante a cultura:

A literatura de tradição oral compartilha um substrato comum de materiais literários infinitamente reenviados e reutilizados. Os estudos folclóricos mostraram e classificaram de diversas maneiras a constante presença de relações intertextuais entre a literatura épica medieval, o folclore e os mitos religiosos. [...] (COLOMER, 2017, p. 23).

Conforme Colomer destaca e podemos analisar, a literatura oral permite uma abertura de leques nas histórias contadas e tem presença forte desde os períodos medievais, sabendo que, nem todos possuíam acesso ao livro físico, mas tinham acesso ao ficcional, assim como no jogo da memória, pois o autor é aquele que materializa os relatos, seja através da escrita ou não.

É notório o ato de repetição dos projetos que servem de base para construção das obras, o bem contra o mal, final feliz, o “viveram felizes para sempre”. Estas cenas têm se tornado característica tradicional das produções literárias infantojuvenis. Obtendo este modelo de criação, o escritor desperta no leitor o espírito infantil para vivenciar cada passo de sua obra, a importância da vivência literária, permite que ocorra uma conexão, formando uma fonte de conhecimentos, nas variadas interpretações possibilitadas.

2.1 Sobre a literatura juvenil

O mundo idealizado da fantasia e ficção torna-se espaço para literatura infantojuvenil, que desperta no público o interesse pelas obras. Seu surgimento aciona nas crianças e jovens, a nova modalidade de interpretar o mundo, tornando a possibilidade de obter novos conceitos sobre os pontos de vistas nas temáticas obtidas em cada produção literária, que estão envoltas de seu contexto social. Nas obras presentes no gênero infantil, o tema abordado da vida adulta é tratado de forma simplificada, mas relatado com uso de imagens, linguagens adequadas para faixa etária do público, possibilitando a forma de compreensão do texto.

Através da literatura infantil e juvenil surgem grandes adaptadores e escritores de contos aclamados pelo público, a exemplo de Perrault, no século XVII, na França; os irmãos Grimm no século XIX, na Alemanha; e Monteiro Lobato, no século XX, no

Brasil. Tendo seu início com Perrault, o escritor francês transfigurou a literatura infantojuvenil com as adaptações de histórias relacionadas a literatura adulta.

Os séculos XVI e XVII são marcados pela ação da contrarreforma, que ganhava forças. Através deste episódio, a Igreja objetivava reformulações nas doutrinas e práticas no que abrange o catolicismo. Contudo, o avanço desse movimento se deu por meio da crescente popularização do paganismo - o que ia contra a Igreja – fazendo com que os olhares da instituição e de seus patriarcas se tornassem fixos, voltados completamente para os camponeses, visto que caracterizavam sua própria imagem/identidade, no que abrange cada cultura dos povos.

A partir desta forma identitária, os camponeses deram origem ao chamado folclore. Para Cademartori (2006, p. 38), trata-se do “[...] conjunto de manifestações artísticas do povo: danças, cerimônias, canções e, especialmente, contos [...]”. De um lado, via-se o início de uma “identidade” própria dos camponeses, enquanto eram vistos pela classe burguesa como inferiores, do outro, a crescente luta contra os ideais da Igreja.

A literatura em si passa por uma constante transformação, e não foi diferente para a produção infantil e juvenil, que também viveu suas reformulações. O francês Charles Perrault, considerado iniciador das obras literárias para este público, evidenciou adaptações em suas produções, trazendo consigo, o contexto social entrelaçado com a fantasia e a ficção. As histórias chegavam para a classe burguesa através da vida doméstica, sendo eles os portadores das histórias e contos populares que repassavam de geração em geração.

Escritor de classe alta, Perrault mantinha o cenário da burguesia como objeto literário para suas produções. É importante lembrar que o autor pertenceu aos tempos turbulentos, período inconciliável, em que os valores e comportamentos da sociedade naquela época estavam em processo de mudanças. O cenário das histórias girava em torno do contexto rural, podendo perceber que através da oralidade, o desenrolar dos contos eram repassados para o público que escutava e explorava o mundo literário através do imaginário. Segundo Zilberman (2014), o enfoque do espaço que a história das personagens passava era um ambiente rural:

[...] os textos guardam vários resíduos, tais como: a ambiência rural das histórias, pois quase todas as personagens vivem ou pertencem ao campo; a alusão a animais, como o lobo, por exemplo, que deviam causar medo nas populações residentes em regiões isoladas, como ocorre à mãe e à avó de

Chapeuzinho; a ameaça da fome e da morte, como experimentam as duas crianças abandonadas pelos pais na floresta. (ZILBERMAN, 2014, p. 90).

O sucesso que predomina na literatura infantil deve-se ao fato de que a personagem pobre, humilhada, esquecida por pessoas provindas do poder, ricas, sobressai do problema, fazendo-se grande. Zilberman (2014) apresenta o motivo desta atenção, nas narrativas, a personagem é inferiorizada por sua condição na sociedade, encontrando soluções para estes percalços por meio das qualidades intelectuais.

Reconhecido por suas adaptações, o gênero infantil surge para os “pequenos” jovens leitores da época que eram anteriormente considerados adultos. As histórias de vida, do dia a dia, não possuíam faixa etária que determinasse qual história seria contada para as crianças e jovens, Azevedo (1999) nos apresenta que:

[...] Os temas da vida adulta, as alegrias, a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, as comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda comunidade, independentemente de faixas etárias. Na verdade, a criança de mais de sete anos ocupava, ao que parece, o papel de um pequeno adulto, inexperiente e frágil, incapaz de certas coisas talvez, mas já uma pessoa na vida, importante como força na família e na sociedade. [...] (AZEVEDO, 1999, p. 3).

O público infantil e juvenil, diante de suas perspectivas literárias, deparava-se com histórias que pudessem ter um olhar voltado para o seu aprendizado, inclusive da educação, sobretudo o seu desenvolvimento social. Além disso, as histórias advindas de símbolos presentes na realidade, o desejo era de que através delas, crianças pudessem ter uma desenvoltura maior na sua formação social, visto que, quando a criança atingisse sua maioridade, eles já saberiam como comportar-se adequadamente, aprimorando seus direitos e deveres na sociedade.

2.2 A literatura juvenil no Brasil

Em meados do século XX, as produções no Brasil têm como iniciador, o intelecto Monteiro Lobato, que atribui adaptações para o público infantil, uma vez que seu surgimento ocorreu através do período em que a cultura no país voltava seu olhar inteiramente para si, transpassando sua própria valorização cultural. Filho (2011) informa as inovações que Monteiro Lobato traz consigo,

Lobato apresenta características até então não exploradas no universo literário para crianças: apelo a teorias evolucionistas para explicar o destino da sociedade; onipresença da realidade brasileira; olhar empresarial e patronal; preocupação com problemas sociais; soluções idealistas e liberais para os problemas sociais; tentativa de despertar no leitor uma flexibilidade face ao modo habitual de ver o mundo; relativismo de valores; questionamento do etnocentrismo e um outro ponto importante: a religião, como resultado da miséria e da ignorância. (FILHO, 2011, p. 16-17).

O escritor traz à tona, características opostas já advindas em obras consagradas, a questão do social se torna presente em suas produções. No início, a literatura infantil brasileira, vivenciava o aspecto da época colonial, momento em que o país caminhava a passos lentos no âmbito literário. Contudo ocorria nesta época um choque de estruturas sociais entre uma cultura nativa e uma cultura europeia, de tal forma que o europeu, branco e burguês, tinham o controle de suas obras consagradas. Para Biasioli (2007), Monteiro Lobato transmite a importância dos aspectos nacionalistas,

O nacionalismo foi uma bandeira do Modernismo, mas, na literatura para crianças, repercutiu de maneira tradicionalista. Verifica-se a presença de uma visão cívica da pátria, fazendo das histórias pretexto para a valorização de símbolos, heróis ou episódios nacionais. Monteiro Lobato foi marcante neste período da literatura infanto-juvenil, pois, em suas obras, o espaço físico e a natureza são tão importantes quanto as personagens humanas das histórias. (BIASIOLI, 2007, p. 94).

Importante destacar o cenário que movimenta o contexto das produções, visto na inicialização, o foco era totalmente os burgueses, a urbanização. Sendo o folclore marca dos camponeses, no Brasil não foi diferente, Monteiro Lobato traz à tona o ambiente rural e o espaço natural em suas obras, permitindo essa junção nos textos, da ruralidade e o folclore, elementos do país.

Em seu período, a literatura era repassada com o propósito de que as tradições e culturas que os nativos possuíam fossem esquecidas. Os europeus queriam tornar padrão sua cultura no Brasil, enraizando a estética eurocêntrica, pois não queriam sentir que sua cultura fosse inferior aos do nativo. Conforme Cademartori (2006) apresenta, o objetivo que os colonizadores explanavam era poder ter um domínio no processo de formação histórica,

[...] A cultura do colonizador procurava, assim, destruir, pela segregação, as manifestações culturais da terra; essa só poderia integrar-se e vencer a situação de inferioridade na medida em que ascendesse aos padrões culturais dos colonizadores. Se, dessa maneira, o dominador não conseguiu

erradicar totalmente a cultura nativa pela submissão aos padrões europeus, marginalizou-a pela minimização ou pelo desconhecimento. (CADEMARTORI, 2006, p. 44).

Tradicionalmente, nas obras literárias produzidas pela cultura eurocêntrica, predominava a valorização local, a defesa do patriotismo, Monteiro Lobato traz uma releitura das produções e aborda questões sociais presentes no país, deixando de lado tradições que os estrangeiros produziam. Com a chegada ao Brasil, as produções no gênero infantil e juvenil perpassam por uma passagem de tempo e ramificações, no qual alguns traços são retirados, outros permanecidos. As ideias da ficção, das ilustrações nas obras, permanecem, no intuito dos leitores poderem entreter com a obra, conforme a época.

O autor utiliza da escrita, a possibilidade de formular críticas para a vivência real, ele não inaugurava suas produções com o olhar de fora da realidade, mas como alguém que conviveu presencialmente a assimetria social. Por meio do contato com seus textos, Monteiro Lobato articula questões importantes nas temáticas publicadas, sejam elas, questões sociais, econômicas. Cosson (2020) explana essa característica de leitura, que se faz presente nas modalidades de ensino na atualidade;

Há, por fim, o modo de ler do *contexto-intertexto* que objetiva ler a obra como um documento, isto é, a obra é um meio para se conhecer ou discutir questões da sociedade ou de algum saber específico que ela encena. É um modo de ler facilmente encontrado nas escolas dos anos finais do ensino fundamental, ensino médio e até mesmo cursos universitários. Para muitos professores, é a maneira de atrair o aluno para a leitura de obras clássicas que, de outra forma, poderiam ser recusadas. [...] (COSSON, 2020, p. 74-75, grifos do autor).

Quem não já leu as narrativas nas quais tinham os avós como aqueles que repassavam as histórias? Na busca de atenção, os netos deslocavam-se até seus parentes, aventurando-se através das diversas histórias que eles narravam. Os avós eram detentores dos conhecimentos tradicionais de suas respectivas culturas, lembrando contos e folclores, que escutavam por seus pais ou vizinhos.

3 NUANCES DA NARRATIVA JUVENIL

Conforme as modificações que a sociedade ganhava, após a Segunda Guerra Mundial, especificamente, na década de 1960, a literatura infantil também se rendeu as mudanças, trilhando novos caminhos, buscando novas formas de entreter o leitor. A sociedade formula um novo olhar para os valores sociais, especialmente na maneira de educar as crianças e jovens da época. Com o grande avanço de novas tecnologias, criando um cenário modernizado, no Brasil, a literatura infantil tem formado um elo entre a escola, na perspectiva pedagógica do alunado, construindo uma conexão mais acessível entre o leitor e a obra.

Por volta de 1970, os modelos que antes eram destinados para o infantil, o patriotismo, por exemplo, começa a ser descartado. Através das diversas características relacionadas, a moralidade exposta, torna-se inadequado o modo padrão de como se comportar. A família se torna o centro nas produções, pois se trata do convívio na atualidade do leitor, por outro lado, sendo a sociedade com nova vivência, Colomer (2017) relata:

O retrato familiar se distanciou, logicamente, das grandes famílias agrárias presentes no folclore ou nos livros clássicos, para passar a descrever uma família urbana e nuclear, composta pelos pais e um ou dois filhos. Esta drástica redução familiar se acentuou recentemente com a entrada na ficção de famílias constituídas por apenas um parente verdadeiro: mães solteiras ou pais e mães divorciados. [...] A literatura infantil trata estas situações numa perspectiva progressista, encaminhando-se a oferecer aos leitores meios de compreensão e aceitação destes modos de vida. (COLOMER, 2017, p. 200-201).

O foco sendo a família, as marcas registradas sobre os familiares são rompidas, para descrevê-las nas produções percebe-se um certo alçar de voo, obtendo uma liberdade de como deva caracterizá-las. A preservação da infância se torna uma preocupação. Lajolo e Zilberman (2007) justificam:

A manutenção de um estereótipo familiar, que se estabiliza através da divisão do trabalho entre seus membros (ao pai, cabendo a sustentação econômica, e à mãe, a gerência da vida doméstica privada), converte-se na finalidade existencial do indivíduo. Contudo, para legitimá-la ainda foi necessário promover, em primeiro lugar, o beneficiário maior desse esforço conjunto: a criança. A preservação da infância impõe-se enquanto valor e meta de vida [...] (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p. 17).

Sendo a literatura um meio de refúgio, fuga da realidade, possibilita que o leitor possa encontrar soluções, inclusive, a aceitação através dos escritos, o procedimento de como adequar-se na sociedade por meio das personagens que trazem o aspecto vivenciado.

A busca pelo espaço nas produções literárias, têm-se alavancado devido o fator das temáticas estarem sempre presentes na sociedade e ir contra as propostas defendidas pelos literários. Devido essa multipluralidade de características, as temáticas presentes tomam formas diferentes de como agir, conforme Colomer (2017),

A forma de tratar estes temas fica muito diferente segundo a proposta moral pela qual são abordados. Uma característica das sociedades atuais é a coexistência e a pluralidade dos discursos morais e, portanto, a inexistência de uma visão global que dê resposta inequívoca à necessidade de encontrar um modo correto de comportar-se. [...] (COLOMER, 2017, p. 193-194).

Seguindo os pensamentos de Colomer (2017), na literatura direcionada para crianças e jovens, os textos possuem determinadas funções, as quais ela especifica:

1. O acesso ao imaginário compartilhado, fazendo o uso do imaginário através das imagens e dos temas abordados, transpassando um novo olhar sobre o mundo;
2. O domínio da linguagem, destacando a importância de que o leitor infantil tenha o domínio da linguagem utilizada nas produções e na forma de descrever o mundo;
3. A socialização como instrumento para representação de mundo, o propósito de educar para o social.

Não se pode negar o fato de que a literatura nos prende ao conectarmos com as diversas obras, nos diversos gêneros. O cotidiano se tornando tema, abrange novos olhares para as situações que são descritas. Para Cosson (2020) o contexto se torna necessário, pois possibilita a compreensão,

[...] Entre um polo e outro, a noção de contexto, sobretudo a de contexto como-texto, ajuda-nos a compreender que todo texto literário tem uma mensagem mais ou menos explícita, tem um desenho de mundo a ser apreendido no momento da leitura, um saber sobre essa ou aquela área que não pode nem deve ser desprezado. A identificação dessas referências é fundamental para

firmar ou ampliar o entendimento da história que se está lendo. [...] (COSSON, 2020, p. 59).

Conforme apresentado, essa quebra de paradigmas, de marcas, ocorre na metade do século XX, período tão longo para reconhecer tamanha valorização de grandes escritores (as). Conforme Colomer (2017), por volta da década de setenta do século passado, através dos estudos realizados, notaram que existia distinção presente nos livros infantis. Perante essas transformações na sociedade, não são apenas os escritores e a sociedade que mudam, a linguagem também, as obras deixam a formalidade de lado, as palavras mais rebuscadas e buscam integrar uma forma mais acessível para os leitores.

Logo, ler é importante, este hábito precisa ser valorizado, Lajolo (2008 *apud* Paiva e Oliveira, 2010) destaca esta valorização, principalmente nas escolas, formando cidadãos para a sociedade, vejamos:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas por que precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p. 106 *apud* PAIVA e OLIVEIRA, 2010, p. 23).

É indescritível o fato de como a literatura possibilita tal conexão entre texto e leitor, aventuramos na imaginação e criamos ideias, diversas resoluções e afins, “[...] a literatura não se resume apenas em transmitir valores morais, ela extrapola e vai bem mais além.” (CUNHA e PENHA, 2016, p. 2). O gênero infantojuvenil desperta a cada momento a importância que as narrativas oferecem para sociedade, por trabalharem temáticas necessárias, Biasioli (2007) defende:

O que se vê no quadro da literatura infanto-juvenil brasileira, atualmente, é que há uma maior conscientização da importância desse gênero literário, até por uma questão de cidadania, pois é inegável o fato de que, por meio de livros, são trabalhadas diversas questões importantes para a constituição de um cidadão no futuro. No entanto, ainda é necessário mais incentivo à questão da literatura infanto-juvenil, a fim de cada vez mais manter crianças e jovens ligados aos livros. (BIASIOLI, 2007, p. 98).

Na contemporaneidade, as narrativas expressam o contexto como um todo. A dor se torna tema, as mulheres ganham cada vez mais espaço na sociedade e nas

produções literárias. No nacional, temos grandes nomes para literatura em geral, Cecília Meireles, Clarice Lispector, entre outras, que através de seus escritos, fazem deles o poder de sua voz, despertando, a interpretação devida do leitor, de acordo com o meio social que convive.

Através das metáforas, das analogias, os escritores trazem grandes temas para literatura, que desperta a atenção do leitor – seja sobre alegria, tristeza, morte – os sentimentos ocupam lugar das características antes tradicionais nas produções, em seguinte, apresento o trecho do conto de fadas *João e Maria*, dos irmãos Grimm:

A pobre irmãzinha soluçou de aflição, as lágrimas correndo pelas faces. “Ó meu Deus, ajude-nos!” exclamou. “Se pelo menos os animais selvagens da floresta nos tivessem comido, teríamos morrido juntos.”

“Poupe-me da sua choradeira!” disse a velha. “Nada pode ajudá-la agora.”

[...]

“Sua pateta”, disse a velha. “Há espaço de sobra. Veja, até eu consigo entrar”, e ela trepou no forno e enfiou a cabeça dentro dele. Maria lhe deu um grande empurrão que a fez cair estatelada. Então fechou e aferrolhou a porta de ferro. Ufa! A bruxa começou a soltar guinchos medonhos. Mas Maria fugiu e a bruxa perversa morreu queimada de uma maneira horrível.

Maria correu para junto de João, abriu a porta do pequeno galpão e gritou: “João, estamos salvos! A bruxa velha morreu.”

Como um passarinho fugindo da gaiola, João voou porta afora, assim que ela se abriu. Que emoção os dois sentiram: abraçaram-se e beijaram-se e pularam de alegria! Como não havia mais nada a temer, foram direto para a casa da bruxa. Em todos os cantos havia baús cheios de pérolas e joias. “Estas aqui são melhores ainda que seixos”, disse João e meteu nos bolsos o que podia. (GRIMM *apud* MACHADO, 2010, p. 172-173).

Ao adentrar no universo literário, o leitor cria inúmeras expectativas, entre elas, a identificação na história, do que ocorreu no passado ou presente e idealizar o futuro com base na perspectiva dos sentidos, afinal “Ler e não conseguir compreender o que se lê é algo extremamente frustrante. [...]” (Cunha e Penha, 2016, p. 8). Para o bom êxito nas leituras, deve-se existir a interação e relação do leitor-autor, através dos escritos, acionando a ação de mundo com o texto, a literatura abrange horizontes, permeando formas de conexão com o leitor.

4 MAGIA E APRENDIZAGEM EM OS CONTOS DE BEEDLE, O BARDO

Nas obras literárias juvenis, o uso da magia torna-se um elemento importante na construção do texto de fantasia. O leitor obtém maior conexão para a obra escolhida. Em sua maior compreensão, autores utilizam-se de artefatos que buscam adentrar no enriquecimento de sua obra, para o público juvenil, permeando o diálogo das diversas formas de compreensão e interpretação da obra com o mundo.

Entre o final do século XX e o início do século XXI, são lançadas as produções da escritora J.K Rowling, autora das obras da série Harry Potter, composta de sete livros, e recordes de vendas. A autora direciona suas criações para os diversos públicos, trazendo uma linguagem compreensível e seguindo as ideias do segmento literário. Rowling se utiliza do mundo mágico para despertar a atenção e conquistar o público leitor, enfatizando as adversidades que ocorrem na atualidade.

O leitor, ao se deparar com estas produções, universaliza suas ideias e fundamenta os princípios através do contexto que os textos podem transmitir. Rowling constrói criaturas mágicas para o enfrentamento dos problemas que os bruxos encontram. A vida é uma escola de aprendizagens diversas, e os bruxos também participam deste núcleo, separados por mundos distintos. Os que não possuem a linhagem mágica, são nomeados de trouxas (que não são bruxos), e os bruxos não são autorizados para realizar atos mágicos.

A personagem Hermione Granger é um exemplo; os membros de sua família não são bruxos, a única que possui os saberes do mundo dos bruxos é ela, por isso, existe uma discriminação com aqueles que são nascidos trouxas. Em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, Hermione recebe a nomenclatura de sangue-ruim pelo bruxo Draco Malfoy,

O time da Sonserina dava gargalhadas.
 – Pelo menos ninguém do time da Grifinória teve de *pagar* para entrar – disse Mione com aspereza. – Entraram por puro talento.
 O ar presunçoso de Draco pareceu oscilar.
 – Ninguém pediu sua opinião, sua sujeitinha de sangue ruim – xingou ele.
 Harry percebeu na hora que Draco dissera uma coisa realmente ofensiva, porque houve um tumulto instantâneo em seguida às suas palavras. [...] (ROWLING, 2015, p. 87-88, grifo da autora).

Em *Os contos de Beedle, o Bardo* (2017), Rowling repassa para o leitor as decisões que os bruxos devem tomar e mostra que até os bruxos detentores de poderes mágicos superiores, possuem suas dificuldades para resolvê-los.

Aragão (1985) define conto,

[...] como sendo uma forma narrativa em prosa, de pequena extensão. É claro que não podemos reconhecer um conto só a partir do número de páginas em que se enquadra uma história. Por ser um tipo de narrativa voltada para objetivos bem determinados, a sua forma acompanhará o conjunto dos elementos específicos a esse tipo de narrativa. A chave para o entendimento do conto como gênero está na concentração de sua trama. O conto geralmente trata de uma determinada situação e não de várias, e acompanha o seu desenrolar sem pausas, nem digressões, pois o seu objetivo é levar o leitor ao desfecho, que coincide com o clímax da história, com o máximo de tensão e o mínimo de descrições. [...] (ARAGÃO, 1985, p. 84-85).

A obra que é objeto de nosso estudo é apresentada em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, no testamento que o professor Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore deixa para a senhorita Hermione Granger, após sua morte ocorrida em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, entretanto, apenas o jovem Rony Wesley conhecia de fato os contos.

– E quanto ao livro – disse Hermione – *Os contos de Beedle, o bardo...* eu nunca ouvi falar deles!
 – Você nunca ouviu falar de *Os contos de Beedle, o bardo?* – perguntou Rony incrédulo. – Você está brincando, certo?
 – Não, não estou! – respondeu Hermione surpresa. – Então você os conhece?
 – Claro que sim!
 [...]
 – Ah, gente, que é isso! Todas as histórias tradicionais para crianças são supostamente de Beedle, não? *A fonte da sorte... O bruxo e o caldeirão saltitante... Babbitty, a coelha, e o toco que cacarejava...* (ROWLING, 2015, p. 104, grifos da autora).

Nota-se que os contos que foram destinados para Hermione pertenciam ao mundo mágico de Hogwarts, por isso, os demais não os conheciam. Os contos tratam, exclusivamente, do mundo bruxo.

– Rony, você sabe muito bem que Harry e eu fomos criados por trouxas! – lembrou Hermione. – Não ouvimos essas histórias quando éramos pequenos, ouvimos *Branca de neve e os sete anões e Cinderela...*
 – Que é isso, uma doença? – perguntou Rony.
 – Então são histórias para crianças? – perguntou Hermione, reexaminando as runas.

– É – respondeu Rony, inseguro –, quero dizer, é o que contavam para a gente, entende, e todas essas histórias antigas são do Beedle. Não sei como são na versão original. (ROWLING, 2015, p. 104, grifos da autora).

Este repasse das histórias remete muito aos tempos dos folclores e das histórias tradicionais que os parentes repassavam de geração a geração. O contexto da obra estudada inicia automaticamente através da casa de Rony Weasley, que recebe o nome de A Toca. Em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, podemos perceber a descrição de como era o ambiente nesta respectiva casa:

Parecia ter sido no passado um grande chiqueiro de pedra, a que foram acrescentando cômodos aqui e ali até ela atingir vários andares, e era tão torta que parecia ser sustentada por mágica (o que, Harry lembrou a si mesmo, era provável). Quatro ou cinco chaminés estavam encarrapitadas no alto do telhado vermelho. Em um letreiro torto enfiado no chão, próximo à entrada, lia-se A TOCA. Em volta da porta de entrada amontoava-se uma variedade de botas de borracha e um caldeirão muito enferrujado. Várias galinhas castanhas e gordas ciscavam pelo quintal. (ROWLING, 2015, p. 29, grifo da autora).

Em sua visita, o ministro da magia traz alguns pertences que foram colocados em testamento para serem entregues aos três jovens bruxos. Segundo Rowling (2015) Dumbledore teoricamente deixou exclusivamente para eles, entregando seus bens para poucos indivíduos, inclusive, sua biblioteca particular e os objetos mágicos que os tinha em Hogwarts. Seguindo a narrativa, vejamos o que cada um dos três bruxos recebem:

– “Últimas vontades de Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore...”, sim, aqui está, “a Ronald Weasley, deixo o meu desiluminador, na esperança de que se lembre de mim quando usá-lo.”

[...]

– “Para a sra. Hermione Granger, deixo o meu exemplar de *Os contos de Beedle, o bardo*, na esperança de que ela o ache divertido e instrutivo.”

[...]

– “A Harry Potter” – leu ele, e as entranhas do garoto se contraíram com repentina excitação – “deixo o pomo de ouro que ele capturou em seu primeiro jogo de quadribol em Hogwarts, para lembrar-lhe as recompensas da perseverança e da competência.”

[...]

– Então terminamos, não? – perguntou Hermione, tentando se erguer do sofá apertado.

– Ainda não – respondeu Scrimgeour, que agora parecia mal-humorado. – Dumbledore lhe deixou outra herança, Potter.

– Qual? – perguntou ele, sua agitação se renovando. Desta vez Scrimgeour não se deu ao trabalho de ler o testamento.

– A espada de Grodric Gryffindor. (ROWLING, 2015, p. 97-100, grifos da autora).

A obra *Os contos de Beedle, o Bardo* é dividida em cinco contos. O vício e a virtude são temas abordados. Adverte-se aos bruxos que eles são responsáveis por cada resultado dos caminhos que trilharem.

Os contos, por terem uma temática voltada para o universo mágico, proporcionam a lição de aprendizados, diante das escolhas que são tomadas nos caminhos da vida, atitudes estas que estão presentes em nosso cotidiano.

O primeiro conto, *O Bruxo e o Caldeirão Saltitante*, ressalta sobre ser humilde. A história apresentada é de um bruxo muito bom, que utilizava de seus poderes mágicos para ajudar aqueles que não possuíam poderes, os trouxas. No entanto, essa atitude não repercutiu muito bem no mundo bruxo, pois naquela época, os trouxas tinham que resolver seus próprios problemas, impossibilitando assim, dos bruxos terem o contato com eles, “[...] “Que os trouxas se arranjam sozinhos!””, bradavam os bruxos ao mesmo tempo que se afastavam cada vez mais dos seus irmãos não mágicos, [...]”. (ROWLING, 2017, p. 13).

O bruxo reconhecido por ser bom, morava com o seu único descendente que não partilhava da mesma ideia do pai, o filho recriminava aqueles que não tinham poderes. O seu pai tinha em sua casa um pequeno caldeirão, onde fingia utilizar para a realização dos antídotos. Diversas pessoas vinham resolver seus problemas diante do bruxo que simpatizava com os trouxas, mas quem praticava tal ato em prol dos não mágicos, eram considerados como dignos de pena, Rowling (2017) justifica a descrição que o influenciador bruxo Bruto Malfoy apresentou, descrevendo a ineficácia dos bruxos que por algum motivo, simpatizasse com os trouxas:

Isto podemos afirmar com segurança: qualquer bruxo que demonstre apreciar a sociedade dos trouxas tem uma fraca inteligência e uma magia tão débil e digna de pena que ele só pode se sentir superior quando se cerca de porqueiros trouxas.

Nada é um sinal mais infalível de magia ineficaz do que a fraqueza para conviver com não mágicos. (ROWLING, 2017, p. 16, grifos da autora).

Após a morte de seu pai, o filho assume todos os seus bens, tendo a ânsia pelo poder, o jovem achava que seu pai deixara muito ouro, no entanto, o filho se depara com simples presentes que o seu pai havia deixado, no intuito de que nunca precisasse utilizá-los. Em contraposição as ações benfeitoras que seu pai tinha feito, o seu filho deseja crescer, literalmente, no poder, tornar-se um bruxo rico. Ao analisarmos essa ambição, destaca-se a narrativa presente em *Harry Potter e a Pedra*

Filosofal, quando após ser chamado, o jovem Harry Potter não aceitava que o Chapéu Seletor o colocasse na casa Sonserina, em conformidade com Rowling (2015):

A última coisa que Harry viu antes de o chapéu lhe cair sobre os olhos foi um salão cheio de gente se espichando para lhe dar uma boa olhada. Em seguida só viu a escuridão dentro do chapéu.

– Difícil. Muito difícil. Bastante coragem, vejo. Uma mente nada má. Há talento, ah, minha nossa, uma sede razoável de se provar, ora isso é interessante... Então, onde vou colocá-lo?

Harry apertou as bordas do banquinho e pensou “Sonserina não, Sonserina, não”.

– Sonserina, não, hein? – disse a vizinha. – Tem certeza? Você poderia ser grande, sabe, está tudo aqui na sua cabeça, e a Sonserina lhe ajudaria a alcançar essa grandeza, sem dúvida nenhuma, não? Bem, se você tem certeza, ficará melhor na *GRIFINÓRIA!*

Harry ouviu o chapéu anunciar a última palavra para todo o salão. Tirou o chapéu e se encaminhou trêmulo para a mesa de Grifinória. Sentia tanto alívio por ter sido selecionado e ter escapado de Sonserina que nem reparou que estava recebendo a maior ovação da cerimônia. [...] (ROWLING, 2015, p. 92, grifo da autora).

Tendo visto o que tinha restado para si, o filho recusa e amaldiçoa os presentes de seu pai, jogando-os no pequeno caldeirão que seu pai manejava para com os trouxas. Com problemas para serem resolvidos, os não mágicos visitavam a casa do bruxo, pois sabiam que as questões apresentadas, seriam solucionadas. Entretanto, o jovem não aceitava as visitas dos trouxas, recusando os pedidos que faziam, mas o jovem não contava que a cada pedido que negasse a sociedade trouxa, não seguisse as virtudes de seu pai, o problema resultaria na fisionomia do pequeno caldeirão. Já era noite, quando uma camponesa aproximara de sua casa,

– Minha neta apareceu com uma infestação de verrugas, meu senhor. O seu pai costumava preparar um cataplasma especial naquela panela velha...

– Fora daqui! – exclamou o filho. – Que me importam as verrugas da sua pirralha?

E bateu a porta na cara da velha.

Na mesma hora, ele ouviu clangores e rumores que vinham da cozinha. O bruxo acendeu sua varinha e abriu a porta, e ali, para seu espanto, viu que brotara um pé de latão na velha panela do pai, e o objeto pulava no meio da cozinha fazendo uma zoadá assustadora no piso de pedra. O bruxo se aproximou admirado, mas recuou ligeiro quando viu que a superfície da panela estava inteiramente coberta de verrugas. (ROWLING, 2017, p. 5-6).

A falta de empatia para com aqueles que não conseguiam soluções, dominado pela soberba, atribuía em casos oscilantes para o jovem, que tentava de tudo para que parasse de surgir tais marcas no caldeirão, mas nenhuma magia era capaz de desfazer as marcas que apareciam no objeto de seu pai, pois o desejo do bruxo que

era bom para todos, era de que seu filho pudesse dar continuidade às obras que vinham sendo efetivadas. O orgulho do bruxo impedia de oferecer as soluções, como seu pai ajudava, resultando em um ser mágico detentor de poderes.

O bruxo não conseguia dormir nem comer com a panela ao seu lado, mas ela se recusava a sumir dali, e ele não podia silenciar nem forçar o caldeirão a parar.

Por fim, não aguentou mais.

– Tragam-me todos os seus problemas, todas as suas preocupações e todas as suas tristezas! – gritou, fugindo noite adentro, com a panela perseguindo-o aos saltos pela estrada que levava à aldeia. – Venham! Deixem que eu cure vocês, recupere vocês e console vocês! Tenho a panela do meu pai e vou remediar tudo! (ROWLING, 2017, p. 9-10).

Era noite, fria e sombria, os camponeses sofriam em suas residências, pois não tinham conseguido solucionar suas necessidades. Segundo Rowling (2017), posteriormente, sem receber nenhuma visita, o caldeirão informa ao bruxo, as adversidades que cometera. Reconhecendo os erros que tinha cometido, o jovem percorre as ruas da pequena aldeia que residia e solucionava os problemas, logo atrás o caldeirão corria juntamente com ele, para todos os locais que ele ia até que a última pessoa a qual o procurou para solucionar suas questões fosse atendida. Contratempos resolvidos, o silêncio do caldeirão paira sobre o ar, jogando para fora, o presente que o pai tinha deixado e retornam para casa, onde as boas ações dão continuidade.

A Fonte da Sorte é o segundo conto da obra, o decorrer da produção gira em torno de uma fonte, onde quem banhar-se, solucionava todas as preocupações antes do sol desaparecer e a noite surgir. Relacionado ao primeiro conto, neste trata-se de um número maior de pessoas que visitavam o local, no qual abria caminhos em direção a fonte, localizada no território de um reino. Rowling (2017) apresenta que para serem escolhidos, as pessoas deveriam estar no local, antes do sol nascer, este fenômeno ocorre uma vez por ano.

O sol nascendo, três bruxas são escolhidas para aventurar-se nos jardins do reino para salutar suas atribulações, mas apenas um poderia desfrutar a fonte, ao entrar, plantas rasteiras puxa uma delas, por conseguinte, a escolhida puxa as demais, no entanto, a última bruxa se enrola na armadura de um cavalheiro, fechando assim o jardim encantado e apenas os quatro puderam entrar:

A primeira, cujo nome era Asha, sofria de uma doença que nenhum curandeiro conseguia eliminar. Ela esperava que a fonte fizesse desaparecer os seus sintomas e lhe concedesse uma vida longa e feliz.

A segunda, cujo nome era Altheda, tivera sua casa, seu ouro e sua varinha roubados por um bruxo malvado. Ela esperava que a fonte a aliviasse de sua fraqueza e pobreza.

A terceira, cujo nome era Amata, fora abandonada por um homem a quem amava profundamente, e acreditava que seu coração partido jamais se recuperaria. Esperava que a fonte aliviasse sua dor e saudade.

[...]

E Amata se enredou na armadura de um cavaleiro de triste figura que montava um cavalo esquelético. (ROWLING, 2017, p. 22-24).

Eles não contavam que até encontrar a fonte, existiam alguns obstáculos presentes, o primeiro monstro proferia “*Paguem-me a prova de suas dores.*” (ROWLING, 2017, p. 27, grifos da autora). As três bruxas e o jovem cavaleiro tentaram de tudo, feitiços, matá-lo com a espada, mas nada adiantava, para seguir a diante, precisariam realizar o pedido que fora feito. Sem soluções, o sol subindo ao alto do céu, a jovem bruxa Asha, começa a se desesperar e suas lágrimas jorram diante do problema, com isso “[...] o enorme verme encostou o focinho no rosto dela e bebeu suas lágrimas. [...]” (ROWLING, 2017, p. 27).

Após ter pagado a prova de sua dor, o obstáculo desaparece do caminho abrindo espaço para continuarem a viagem. Contentes por terem conseguido realizar com êxito o obstáculo, seguindo a busca pela fonte, outro percalço surge no caminho, palavras ao chão ressurgem escritas “*Paguem-me os frutos do seu árduo trabalho.*” (ROWLING, 2017, p. 28, grifos da autora) e o Cavaleiro (não mágico) joga a única moeda que possuía, pois, o jovem não era visto de grandes atributos, porém, entrega o bem valiosos que tinha, e conseguem prosseguir a caminhada.

Chegando perto do fim da jornada, eles se deparam com um riacho, ao observarem à sua volta, no rio possuíam pedras escritas que apresentava “*Paguem-me o tesouro do seu passado.*” (ROWLING, 2017, p. 30, grifos da autora), tentando de diversas formas atravessar, ninguém conseguia, nenhum feitiço era capaz de desfazer os escritos e continuar a caminhada, mas na verdade o que a mensagem queria decifrar? A bruxa Amat soluciona, jogando no fluir das águas, as memórias de seu passado.

O conto apresenta três grandes características que refletem em nossa atualidade, a dor, refletida através do desespero, a tristeza, o valor daquele que não era bem visto pela sociedade, e os resquícios do passado, ensinando que para seguir

com a vida, não se deve ficar preso eternamente nas lembranças, devem ser feitas como fumaça, que no ar juntamente com o vento, somem e não retornam.

Nenhum feitiço era capaz de obstruir os obstáculos que surgiam, uma vez que a única magia verdadeira estava dentro de cada visitante que estava naquele jardim, logo, “[...] os quatro levaram vidas longas e venturosas, sem jamais saber nem suspeitar que as águas da fonte não possuíam encanto algum.” (ROWLING, 2017, p. 34).

O terceiro conto, *O Coração Peludo do Mago*, retrata a falta de amor. Um jovem bruxo, rico, dono de vários talentos, observara o comportamento de como seus amigos se rendiam diante da paixão, achando tolice os modos de adequação. Para que isso tornasse real, o jovem utiliza a magia negra, recorrendo para se livrar de tal ato em sua vida, dominado pelo poder, manter-se no conforto de suas riquezas era o seu objetivo. O bruxo não quisera sentir algum tipo de emoção, acontecimento em sua vida, todavia, “[...] Ele vê o amor como uma humilhação, uma fraqueza, um desperdício dos recursos materiais e emocionais de uma pessoa.” (ROWLING, 2017, p. 55).

Conforme o tempo passava, a vida do jovem ia desvairando, tornando os bens materiais e o desejo pelo poder mais importantes que os seus próprios sentimentos, deixa assim, de viver e se dedica apenas ao seu enriquecimento. Sendo indiferente das demais pessoas, o bruxo sentia orgulho por ter tomado esta atitude, fazendo uma analogia, esta semelhança acarreta ao termo Horcrux, podendo ser vista quando o jovem Riddle em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* pergunta ao professor Slughorn sobre tal prática:

[...] bem, é claro que não pode haver mal algum em lhe dar uma ideia geral. Só para você entender o termo. Horcrux é a palavra usada para um objeto em que a pessoa ocultou parte da própria alma.
 – Mas não entendo muito bem como se faz isso, senhor.
 [...] – Bem, a pessoa divide a alma, entende – explicou Slughorn –, e esconde uma metade dela em um objeto externo ao corpo. Então, mesmo que seu corpo seja atacado ou destruído, a pessoa não poderá morrer, porque parte de sua alma continuará presa à terra, intacta. Mas, naturalmente, a existência sob tal forma... (ROWLING, 2015, p. 360).

Por ter recorrido as forças das trevas, a magia retira a alma de seu corpo e a prende em algo escolhido por aquele que optou por esta escolha, o Mago retira de si seu coração pulsante e o prende em uma caixa de cristal (ROWLING, 2017). Pela

falta de contato, o coração estava coberto de pelos, pois não sabia o que era sentimentos, no entanto, uma donzela surge em sua vida e os devidos toques o penetra como lança, mas o coração não mudava, devido ao longo tempo que se encontrava sem o sentir a proximidade de outra pessoa. “[...] Mas o órgão se corrompera durante o longo exílio, cego e selvagem na escuridão a que fora condenado, seus apetites tinham se tornado vorazes e perversos.” (ROWLING, 2017, p. 50).

Mesmo que o EU humano contraía, não podemos fugir do processo que nos espera, durante a vida, as tristezas, as alegrias, o amor, a raiva, fazem parte do nosso cotidiano, “[...] Ferir-se é tão humano quanto respirar. [...]” (ROWLING, 2017, p. 54). Em tal ato, o Mago achava que a solução de sua vida seria fugir do amor, daquilo que se torna comum, já que para ele, o amor fazia com que se tornasse fraco, deixando levar-se pelo desejo.

A vontade de enriquecer, possibilitou ao jovem esquecer de viver, inclusive, de sentir. Ao perceber que o coração de sua donzela era diferente do seu, quisera tomar para si, arranco o coração e matando a jovem. Enlouquecido por tal ato, o Mago, “[...] agarrou uma adaga de prata. Jurando jamais ser dominado pelo próprio coração, arrancou-o do peito.” (ROWLING, 2017, p. 52), o bruxo morre ao lado da jovem.

Já no quarto conto, *Babbitty, a Coelha, e seu Toco Gargalhante*, narra a história de um rei que tinha como finalidade o seu desejo de ser o único que pudesse ter poderes, formando em todo território de seu reino, a Brigada de Caçadores de Bruxos, (ROWLING, 2017). Por não saber nada de magia, o rei procurava alguém que pudesse instruí-lo, mas ninguém aparecia, devido os caçadores de bruxos. Eis que surge o jovem que fingia ser mágico, tudo em busca da riqueza e ser reconhecido em todo reino, no entanto, como tudo há uma consequência, o rapaz que não possuía poder algum, não imaginava as aventuras que teria de passar.

O rei dever-se achar que todo trouxa, poderia se tornar um bruxo, seguindo os conselhos do jovem que se passava por bruxo, fazia com que o rei criasse uma alusão mágica, despertando a certeza de que a majestade também era bruxo, mas tudo não passava de simples ilusão. As práticas que o rei mantinha, nada dava certo, mas ele não imaginava que em seu reino, existia uma senhora, bruxa e era lavadeira.

Depois de tantas mentiras, o que enganara o rei, viu-se sem saída, caminhando, viu que em uma pequena casa lá estaria a senhora que poderia livrá-lo de seus problemas com o rei, Babbitty era o nome dela. Após um pedido inusitado do rei,

diante de toda realeza, foi solicitado para que ressuscitasse o animal, nada era feito, pois nenhuma magia poderia ressuscitar alguém, enganado, o rei desbrava sua raiva e para se escapar da sua fúria, o jovem utiliza de artefatos, enganando-o mais uma vez, jogando a culpa para Babbitty de que o feitiço não tinha sido realizado. Fugindo dos caçadores, a bruxa transforma-se em uma coelha e se esconde em uma árvore.

O conto “[...] nos oferece uma das primeiras menções literárias a um animago, [...]” (ROWLING, 2017, p. 77). Nem todos os bruxos possuem essa habilidade, esta propriedade pode ser vista, na obra *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, onde temos contato em que o homem se transforma na forma animal,

– Eu ainda era garotinho quando levei a mordida. Meus pais tentaram tudo, mas naquela época não havia cura. A poção que o Prof. Snape tem preparado para mim é uma descoberta muito recente. Me deixa seguro, entende. Desde que eu a tome uma semana antes da lua cheia, posso conservar as faculdades mentais quando me transformo... e posso me enroscar na minha sala, um lobo inofensivo, à espera da mudança de lua. (ROWLING, 2015, p. 260).

O último conto, *O Conto dos Três Irmãos*, traz as características do poder e da humildade representado nos três irmãos bruxos, que tentam de alguma forma, a morte enganar. Três irmãos viajantes se deparam no caminho com alguns percalços que resultariam suas mortes, mas por terem poderes mágicos, os bruxos conseguem se escapar, logo após surge uma figura sombria, pois eles não deveriam ter escapado, “[...] Estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o normal era os viajantes se afogarem no rio. [...]” (ROWLING, 2017, p. 87).

Entretanto, ninguém perde para Morte, Rowling (2017) a define como figura astuta, com isso, alguns prêmios são oferecidos como recompensa aos irmãos por terem escapado da projeção:

Então, o irmão mais velho, que era um homem combativo, pediu a varinha mais poderosa que existisse: uma varinha que sempre vencesse os duelos para seu dono, uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte! Ela atravessou a ponte e se dirigiu a um vetusto sabugueiro na margem do rio, fabricou uma varinha de um galho da árvore e entregou-a ao irmão mais velho.

Então, o segundo irmão, que era um homem arrogante, resolveu humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levava. Então a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos.

Então, a Morte perguntou ao terceiro e mais moço dos irmãos o que queria. O mais moço era o mais humilde e também o mais sábio dos irmãos, e não confiou na morte. Pediu, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar

sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade. (ROWLING, 2017, p. 87-88).

Ao constatar esta perspectiva, a arrogância, o combate e a humildade, predominam na figura de cada irmão, à medida que dois deles tinham a certeza de que a Morte seria enganada. Logo após terem feito estes pedidos, cada irmão segue os caminhos diferentes, logo, cada irmão colheria suas consequências, através dos seus respectivos desejos.

A soberba e o desejo do poder, acarreta em final destrutivo para o primeiro irmão, tomado pela varinha mais poderosa de todas, o primeiro irmão se finda, despertando a inveja dos demais bruxos, que fazem de tudo para tê-la. “Assim, a Morte levou o primeiro irmão.” (ROWLING, 2017, p. 89).

Já com o segundo irmão, a arrogância desperta nele o anseio de humilhar a *Morte*, almejando ressuscitar os que já foram falecidos, mas nenhuma magia seria capaz de atribuir este feito. Na obra Harry Potter, esta pedra recebe a nomenclatura de *Pedra Filosofal*, no entanto, a pedra produz um elixir que quem bebe, o torna imortal,

O antigo estudo da alquimia preocupava-se com a produção da Pedra Filosofal, uma substância lendária com poderes fantásticos. A pedra pode transformar qualquer metal em ouro puro. Produz também o Elixir da Vida, que torna quem o bebe imortal.

Falou-se muito da Pedra Filosofal durante séculos, mas a única Pedra que existe presentemente pertence ao Sr. Nicolau Flamel, o famoso alquimista e amante da ópera. O Sr. Flamel, que comemorou o seu sexcentésimo sexagésimo quinto aniversário no ano passado, leva uma vida tranquila em Devon, com sua mulher, Perenelle (seiscentos e cinquenta e oito anos). (ROWLING, 2015, p. 160, grifos da autora).

Seguindo os pensamentos de Rowling (2017), o segundo irmão se revolta por não conseguir ressuscitar quem desejava, ao manusear a pedra que recebeu como prêmio, viu a moça com quem queria estar, mas algo os separava dos mundos distintos, ela estava fria, triste, pois sua passagem no mundo dos mortais já tinha sido encerrada, tomado pelo desespero, o segundo irmão morre. “Assim, a Morte levou o segundo irmão.” (ROWLING, 2017, p. 90).

Seguindo pela sua humildade, o terceiro irmão vive por muitos longos anos, devido a sua Capa de Invisibilidade, a Morte o procurava por longos anos, mas não encontrava. Por meio deste aspecto, a Capa se faz presente em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o bruxo Harry Potter ganha de aniversário,

Harry apanhou o pano brilhoso e prateado do chão. Tinha uma textura estranha, parecia tecida com fios de água.

– É uma capa da invisibilidade – disse Rony, com uma expressão de assombro no rosto. – Tenho certeza de que é. Experimente.

Harry jogou a capa em volta dos ombros e Rony deu um berro.

– É, sim! Olhe para baixo!

Harry olhou para os pés, mas eles tinham desaparecido. Correu então para o espelho. Não deu outra, o espelho refletiu sua imagem, só a cabeça suspensa no ar, o corpo completamente invisível. Ele cobriu a cabeça e a imagem desapareceu completamente. (ROWLING, 2015, p. 147).

Tomado por sua idade avançada, o terceiro irmão “[...] Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram desta vida.” (ROWLING, 2017, p. 91). A humildade do irmão é enfatizada, perante as duas histórias narradas, a autora apresenta o destaque essencial do bruxo, mesmo não conseguindo fugir eternamente de seu processo mortal, ele o saúda a Morte como uma velha amiga, entendendo que o momento tinha chegado. Comparado aos rebuscados desejos dos seus outros irmãos, sendo o mais humilde, o presente do terceiro irmão, sobressai diante das consequências.

Contudo, as características apresentadas nos contos, fazem parte do cotidiano, as leituras possibilitam variadas interpretações com o mundo real, registrando marcas, utilizando a ficção, os contos despertam esta ação no leitor, convidando o leitor para fazer parte da história, Lajolo (2018) defende:

A literatura é porta para variados mundos que nascem das inúmeras leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. (LAJOLO, 2018, p. 55-56).

Rowling encerra essa coletânea de contos, apresentando os resultados que cada pessoa determina para si, os motivos que fizeram aqueles que desejavam pelo poder, terem seu final descrito motivado por suas próprias escolhas. Ambição, mentiras, poder, circundam o conto com a tonalidade de ser algo vicioso, quanto mais, melhor, e a humildade tomando lugar de todos estes como virtude, uma qualidade única, a singularidade mágica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a formação literária se adequa inteiramente as produções voltadas para o convívio entre leitor-autor; este diálogo mesmo que seja idealizado, deve existir. Devido a uma cultura imposta pelos europeus, fazendo com que o leitor tenha contato com a obra como forma obrigatória e não como identidade, no contexto atual, percalços persistem, impossibilitando tal ação.

O meio social colabora para formação da história literária que é repassada para os leitores. Essa tarefa precisa construir, despertar sentidos, ter relações notáveis, por isso se faz necessário a junção das leituras e a contribuição do meio, possibilitando ao leitor as interpretações através do seu conhecimento de mundo.

A narrativa juvenil traz uma visão dos cenários sociais, das criações literárias que na contemporaneidade, todos têm acesso. São notáveis as formas de como a literatura exprime os motivos de conquista, espaço para liberdade, na articulação das ideias e temas, antes trabalhados na oralidade, hoje estão presentes nos textos.

Por meio dos contos, nosso objeto de estudo, percebe-se a desenvoltura que a autora J.K. Rowling utilizou para construção da obra estudada, trazendo uma reflexão dos hábitos na vida do ser humano, conversando com o leitor. Sendo distinto apenas pelos poderes mágicos, Rowling indaga que o mundo bruxo não é tão diferente do mundo daqueles não mágicos, o quanto se pensa.

A utilização da magia, e especialmente do ficcional, desperta a atenção do leitor, levando-o as considerações feitas juntamente com o contexto social que vive, peças fundamentais que transformam a obra. Diante das adversidades que surgem na vida, os problemas não são resolvidos através da magia ou de alguma poção, mesmo sendo o bruxo mais poderoso, é preciso tomar atitudes adequadas e que auxiliem o coletivo.

Temáticas importantes, alegria e tristeza, ambição e humildade, desprezo e aceitação entre outras, aproximam o leitor da obra, pois o leitor se depara com estas realidades no dia a dia. O bruxo mais poderoso que seja não pode interferir ou impedir o processo natural da vida, todos estão aptos para conviver com o que é próprio do ser humano. Assim, a magia presente nos *Contos de Beedle, o Bardo* é um caminho para se refletir sobre as aprendizagens, as escolhas e o resultado destas, do mesmo jeito que presenciávamos nos contos de fadas.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria Lúcia. Gêneros Literários. In: SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de Teoria Literária**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 64-89.

AZEVEDO, Ricardo. Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte: Editora Dimensão, n. 27, p. 1-10, mai./jun. 1999. Disponível em: <https://mariabelintane.com.br/wp-content/uploads/2020/10/1o-1-AZEVEDO-Ricardo-Lit-Inf.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2021.

BIASIOLI, Bruna Longo. As interfaces da literatura infanto-juvenil: panorama entre o passado e o presente. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**. Londrina, v. 9, p. 91-106, 2007. ISSN 16782054. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24804/18185>. Acesso em: 18 fev. 2021.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a vida social. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008. p. 27-49.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. 1. ed. São Paulo: Global, 2017. Tradução de Laura Sandroni.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

CUNHA, Maria Luana de Araújo; PENHA, Gisela Maria de Lima Braga. O texto literário como constructo de sentidos: uma proposta sob o olhar barthesiano. **Tropos: comunicação, sociedade e cultura**. [S.l.], v. 5, n. 2, p. 1-16, 2016. ISSN 2358212X. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/528>. Acesso em: 3 mar. 2021.

FILHO, José Nicolau Gregorin. Literatura infantil: um percurso em busca da expressão artística. In: FILHO, José Nicolau Gregorin; PINA, Patricia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva (org.). **A literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011. p. 12-25.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Escrever para crianças e fazer literatura. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007. p. 15-21.

MACHADO, Ana Maria. João e Maria. **Contos de fadas:** de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 161-175. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges.

PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, v. 4, n. 7, p. 22-36, jan./jun. 2010. ISSN 19824440. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/175/101>. Acesso em: 07 mar. 2021.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J.K. **Os contos de Beedle, o Bardo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ZILBERMAN, Regina. Dos contos tradicionais ao folclore. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 90-102.